

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS - CESP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

HERMINIO ALMEIDA GODINHO FILHO

**ENSINO DE LIBRAS COMO LÍNGUA ADICIONAL PARA CRIANÇAS OUVINTES
NO 2º E 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DO CAMPO EM
PARINTINS - AM**

Parintins - AM
2023

HERMINIO ALMEIDA GODINHO FILHO

**ENSINO DE LIBRAS COMO LÍNGUA ADICIONAL PARA CRIANÇAS OUVINTES
NO 2º E 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DO CAMPO EM
PARINTINS - AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
graduação em Licenciatura em Pedagogia, pela
Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Francisca Keila de Freitas Amoedo

Parintins - AM

2023

HERMINIO ALMEIDA GODINHO FILHO

**ENSINO DE LIBRAS COMO LÍNGUA ADICIONAL PARA CRIANÇAS OUVINTES
NO 2º E 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DO CAMPO EM
PARINTINS - AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
graduação em Licenciatura em Pedagogia, pela
Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Francisca Keila de Freitas Amoedo

Aprovado em: ____/____/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Francisca Keila de Freitas Amoedo
Universidade do Estado do Amazonas

Prof. Dr. Franklin Roosevelt Martins de Castro
Universidade do Estado do Amazonas

Prof. Me. Marlon Jorge Silva de Azevedo
Universidade do Estado do Amazonas

Dedico essa pesquisa especialmente à comunidade surda de Parintins - AM, por fazer parte desta e como forma de contribuir com a disseminação da Líbras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pela vida e pelo dom da sabedoria para a escrita deste trabalho de conclusão de curso.

Ao meu irmão Gustavo por sempre me dado o apoio necessário e por ter me orientado pelos caminhos às quais sigo, o que sou hoje tem muito à sua contribuição nesse processo.

Aos meus pais Herminio e Rosa que nunca me impediram de através da educação, ter uma perspectiva de futuro melhor.

Agradeço à minha tia Socorro Godinho por ter me acolhido em sua casa para que eu pudesse ter uma moradia e seguir nos meus estudos.

Aos professores que contribuíram na construção do meu conhecimento acerca da Libras.

Agradeço a minha orientadora deste trabalho, professora Dra. Francisca Keila pelas suas orientações acerca do caminho para a concretização desta pesquisa.

À escola Santa Terezinha do Aninga por ter aceitado participar desta pesquisa de TCC, por ter sempre me acolhido nas vezes em fui fazer as minhas aulas de Libras, bem como o período de estágio em que realizei nesta instituição de ensino.

Externos meus agradecimentos em especial ao meu grupo de trabalho denominado “Bonde do Lacoste” formado por Aroldo Gomes, Larissa Carvalho, Karina Rolim e Sandrelli Pantoja, pessoas que tenho um carinho muito especial. Esse grupo foi formado em 2019, ainda no 2º período do curso. Nossa união permaneceu em todos os momentos dessa caminhada, principalmente durante as aulas remotas, onde passamos por momentos difíceis, mas seguimos firmes para continuar o caminho.

Enfim, agradeço a todos que me ajudaram nesse percurso seja direta ou indiretamente para que eu pudesse concluir esse trabalho.

*“Quando eu aceito a língua de outra pessoa,
eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a
língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é
parte de nós mesmos. Quando eu aceito a
língua de sinais, eu aceito o surdo, e é
importante ter sempre em mente que o surdo
tem o direito de ser surdo. Nós não devemos
mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas
temos que permitir-lhes ser surdo.”*

Terje Basilier

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso nos permitiu apresentar a perspectiva da Língua Brasileira de Sinais como uma língua adicional para comunidade ouvinte, em especial para os alunos ouvintes, considerando que esta é uma proposta pouco praticada nas escolas regulares. A temática ensino de Libras como língua adicional no 2º e 3º ano do ensino fundamental em uma escola do campo em Parintins - AM, tem como objetivo geral analisar a contribuição das aulas de Libras como Língua Adicional no 2º e 3º ano do ensino fundamental em uma escola do campo em Parintins - AM, o qual nos permitiu adentrar nos estudos realizados por teóricos como: (QUADROS; FINGER, 2013) ao abordarem sobre como se dá o processo de aquisição da linguagem. (LÔPO-RAMOS (2021), ao fazer a defesa do termo Língua Adicional (LA). A questão do ensino de línguas (LEFFA; IRALA, 2014). O ensino de Libras na perspectiva da língua adicional (SPARANO-TESSER, 2021), tais autores vem trazendo concepções baseados nos estudos linguísticos da Libras, além de discutirem a proposta de ensinar uma língua que permite ser difundida no contexto das pessoas ouvintes. A pesquisa é de natureza qualitativa e a técnica é a observação participante. Sendo assim, conclui-se que por meio das aulas de Libras foram importantes pra que os alunos pudessem conhecer os aspectos sociais e históricos, bem como quem é a pessoa surda na nossa sociedade. Além do mais, os alunos tiveram o conhecimento prático dos sinais de cumprimentos sociais e outros para que possam fazer uso em situações sociais em contato com uma pessoa surda e dessa forma construírem para uma sociedade inclusiva de fato.

Palavras-Chave: Libras. Língua Adicional. Crianças ouvintes.

ABSTRACT

The present course conclusion work allows us to present the perspective of Brazilian Sign Language as an additional language for the hearing community, especially for hearing students, considering that this is a proposal little practiced in regular schools. The theme teaching of Libras as an additional language in the 2nd and 3rd year of elementary school in a rural school in Parintins - AM, has as general objective to analyze the contribution of Libras classes as an Additional Language in the 2nd and 3rd year of elementary school in a rural school in Parintins - AM, which allowed us to enter into the studies carried out by theorists such as: (QUADROS; FINGER, 2013) when addressing how the process of language acquisition takes place. (LÔPO-RAMOS (2021), when making the defense of the term Additional Language (LA). The issue of language teaching (LEFFA; IRALA, 2014). The teaching of Libras in the perspective of the additional language (SPARANO-TESSER, 2021), such authors have been bringing conceptions based on studies Libras, in addition to discussing the proposal to teach a language that allows it to be disseminated in the context of the listeners. The research is qualitative in nature and the technique is participant observation. Thus, it is concluded that through the Libras classes were important so that the students could know the social and historical aspects, as well as who is the deaf person in our society. What's more, The students had the practical knowledge of social and other greeting signs so that they can make use in social situations in contact with a deaf person and thus build for a truly inclusive society.

Keywords: Libras. additional language. Listening children.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 BREVE HISTÓRICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS E DA EDUCAÇÃO DE SURDOS	13
2.2 LÍNGUA E LINGUAGEM: POR UMA DENOMINAÇÃO POSSÍVEL	16
2.3 A LÍNGUA ADICIONAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS.....	19
2.4 A INCLUSÃO DA LIBRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE DIZEM AS PESQUISAS?	21
3 PERCURSO METODOLÓGICO	24
3.1 A NATUREZA DA PESQUISA	24
3.2 MÉTODO DE ABORDAGEM	24
3.3 MÉTODO DE PROCEDIMENTO	25
3.4 TÉCNICA DA PESQUISA	25
3.5 OS SUJEITOS DA PESQUISA	26
3.6 <i>LÓCUS</i> DA PESQUISA.....	26
3.6.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL SANTA TEREZINHA DO ANINGA	26
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	29
4.1 A ESCOLA DO CAMPO: FONTE DE SABERES E INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	29
4.2 ENSINANDO LIBRAS PARA OS ALUNOS NA ESCOLA DO CAMPO: INICIANDO O PROCESSO	29
4.3 TRABALHANDO AS TEMÁTICAS DE MATERIAS ESCOLARES E AS CORES EM LIBRAS NA SALA DE AULA	32
4.4 CONHECENDO OS SINAIS DOS ANIMAIS E DAS FRUTAS EM LIBRAS	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
5 REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Ensinar e aprender uma língua é mais do que apenas transmitir códigos linguísticos e a sua estrutura gramatical, mas também a cultura e as maneiras de compreender o mundo a partir do outro. A escola contribui nesse processo de ensino-aprendizagem da língua, compreendendo que esta é um universo de possibilidades de uso social, e é por meio dela que nos tornamos verdadeiramente humanos nas relações interpessoais que construímos. Dentre as inúmeras línguas que estão em uso na sociedade, a Libras aparece como língua desprestigiada pelo sistema educacional ao não incluí-la para ser ensinada no contexto escolar, contribuindo para a barreira comunicativa entre surdos e ouvintes na sociedade.

A temática sobre o ensino de Libras aborda uma pesquisa com alunos ouvintes ao incluir a Língua Brasileira de Sinais como língua adicional no 2º e 3º ano do ensino fundamental em uma escola do campo em Parintins-AM. A questão é voltada ao ensino da Língua Brasileira de Sinais para estudantes ouvintes no ensino fundamental I. Para tanto, entendemos que promover o ensino da Libras com a proposta de língua adicional poderia ser uma oportunidade dentro do contexto educacional de contribuir para que o processo de inclusão aconteça, além de fazer com que o processo de difusão desta língua na sociedade se concretize de fato.

Diante de uma sociedade predominantemente ouvinte e com poucos conhecimentos com relação a Língua Brasileira de Sinais (Libras), os preconceitos para com as pessoas surdas é evidente. No entanto, para tentar mudar essa realidade e contribuir com a difusão da Língua de Sinais na tentativa de minimizar os preconceitos, a pesquisa buscou responder à seguinte inquietação/ problema: quais são os impactos das aulas de Libras como língua adicional no 2º e 3º ano do ensino fundamental em uma escola do campo em Parintins - AM?

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a contribuição das aulas de Libras como Língua Adicional no 2º e 3º ano do ensino fundamental em uma escola do campo em Parintins - AM. Para tanto, o estudo focou-se em pesquisar quais são os estudos a respeito do ensino de Libras como língua adicional; verificar a relevância de incluir a Libras como língua adicional no contexto educacional de crianças ouvintes do 2º e 3º ano do ensino fundamental em uma escola do campo em Parintins-AM; demonstrar a importância do aprendizado de Libras por meio das aulas para crianças ouvintes do 2º e 3º ano em uma escola do campo em Parintins-AM.

O interesse nos estudos na área da Libras se deu no espaço universitário a partir do momento em que percebemos que havíamos uma colega surda em nossa turma de pedagogia, e nós percebemos que ela se sentia excluída e sozinha por não poder se comunicar em Língua de Sinais. Por este motivo, dediquei-me a aprender língua de sinais com o objetivo de comunicar

com esta pessoa e estreitar uma relação de amizade, mas não somente com ela, considerando que a demanda de acadêmicos surdos no CESP/UEA é grande, na época eram 18 acadêmicos que estavam estudando em diversos cursos de graduação como: Física, Química, Letras, Matemática e História. No entanto, meu interesse em aprender Libras não parou no espaço universitário, e logo tive a oportunidade de fazer um curso técnico para ser tradutor e intérprete de Libras para poder contribuir ainda mais com o processo de comunicação e inclusão dos sujeitos surdos em sociedade.

Ao ingressar no ensino superior, no curso de Pedagogia, deparo-me com uma pessoa surda que necessitava interagir em sua língua, a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Porém, não saber se comunicar na sua língua, era o grande empecilho; logo percebia a necessidade em aprender a Língua Brasileira de Sinais. À medida em que fui aprofundando os estudos, entendi a necessidade que as pessoas ouvintes têm em conhecer a língua, a cultura e identidade surda.

A partir do conhecimento adquirido no ambiente universitário, e em uma participação de forma breve no projeto de extensão sobre ensino de Libras em escolas do campo, nasceu a vontade de proporcionar o ensino de língua de sinais para crianças ouvintes no ensino fundamental. A contribuição da Libras para crianças no 2º e 3º ano do ensino fundamental em uma escola do campo denominada Santa Terezinha do Aninga trouxe significativos aprendizados aos sujeitos da pesquisa, pois tiveram a oportunidade de aprenderem os sinais de algumas temáticas em Libras.

O interesse por esta pesquisa nasceu a partir de observações em um projeto de extensão denominado “Aprendendo Libras no contexto das escolas do campo no município de Parintins-AM”. O projeto de extensão foi desenvolvido a partir de oficinas realizadas por acadêmicos surdos e ouvintes em viagens a campo em duas escolas ribeirinhas no município de Parintins. Além do mais, ensinar Libras para as pessoas ouvintes é algo que fui gostando de fazer durante o meu processo de aprendizagem dessa língua, pensando em um ideal de sociedade em que as pessoas possam estabelecer um contato com as pessoas surdas, mesmo que de forma básica já estaria ajudando a construir uma sociedade com mais acessibilidade linguística.

As provocações que me fizeram realizar esta pesquisa nasceram do desejo de contribuir por meio do ensino da língua de sinais nas séries iniciais do ensino fundamental, podendo ajudar com uma sociedade mais inclusiva e que respeite a diversidade, desse modo, desenvolver o ensino de Libras para crianças ouvintes é importante, tendo em vista que existem sujeitos surdos vivendo em nossa sociedade que fazem a comunicação pelo uso da língua de sinais.

A proposta do ensino de língua de sinais contribui com a disseminação e o fortalecimento da Libras no âmbito educacional e conseqüentemente nos espaços da sociedade.

Nesse sentido, esta pesquisa teve a proposta de ensinar a Libras como língua adicional no contexto educacional da escola do campo para os alunos do 2º e 3º ano do ensino fundamental I (anos iniciais) para que reconheçam a importância dessa língua para a comunicação entre surdos-surdos e surdos-ouvintes.

O ensino de Libras como língua adicional é uma proposta de ensino de línguas que vem sendo adotada atualmente para que a língua ensinada não seja colocada como inferior à língua em que o aluno já sabe. Essa proposta é uma perspectiva de caráter democrático ao colocar todas as línguas em condições igualitárias no processo de ensino-aprendizado. É uma proposta que precisa ser incentivado para as crianças ouvintes na busca de construir uma sociedade inclusiva de verdade. Considerando que a escola é um espaço de diversidade de sujeitos, aprender Libras é uma temática interessante, sobretudo para que o respeito a esta língua e aos que dela usam sejam acima de tudo compreendidos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BREVE HISTÓRICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS E DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

O percurso histórico das línguas de sinais no mundo se entrelaça com a história da educação de surdos. As línguas de sinais surgiram com a influência das línguas orais e por uma conversão natural do contato linguístico entre os surdos. No entanto, a história da educação de surdos teve grande influência de ouvintes, e raramente uma pessoa surda tivera protagonismo durante esse processo.

Os primeiros relatos a respeito das pessoas surdas aparecem na antiguidade clássica, sobretudo na Grécia e em Roma. Os pensamentos dos filósofos da Grécia antiga tinham grande influência na sociedade à época, e contribuía para uma visão preconceituosa e excludente dos sujeitos surdos taxados como sendo seres incapazes. O filósofo Heródoto, considerado o “pai da história”, concebia os surdos como seres castigados pelos deuses pelo fato de serem pessoas diferentes Strobel (2009).

Para Aristóteles (384-322), o ser humano é o único animal que possui uma linguagem; considerou as pessoas que não falavam como seres sem linguagem e por conseguinte, sem pensamento. Na Grécia, os surdos eram considerados pessoas sem nenhuma utilidade para a sociedade, pois “[...] os sujeitos surdos eram estereotipados como ‘anormais’, com algum tipo de atraso de inteligência, devido à ausência de trabalho e pesquisas científicas desenvolvidos na área educacional.” (STROBEL, 2006, p. 247). No entanto, em outras partes do mundo como no Egito e Pérsia (atual Irã) os surdos eram tratados como seres enviados pelos deuses, pois acreditavam que os surdos tinham uma comunicação particular com eles.

Na Idade Média as pessoas surdas tinham seus direitos sociais negados. A igreja Católica proibia os surdos de se casar, confessar seus pecados, receber heranças e etc., eram pessoas que não podiam ser cidadãos livres e de direitos. segundo Strobel (2006, p.248) “Os sujeitos surdos geralmente eram assimilados aos marginais, excluídos da sociedade [...]”. No século XVI, o espanhol Pedro Ponce de Leon (1510-1584) é considerado o primeiro professor de Surdos do mundo ao criar uma escola que ensinava leitura, escrita e filosofia. O seu método de ensino era por meio da oralização dos surdos.

Um nome importante para a educação de surdos foi o de Juan Pablo Bonet (1579-1623), na qual publicou no ano de 1620 o primeiro livro a tratar sobre a educação de surdos, nele mostra um alfabeto manual para ensinar aos surdos, o primeiro a que se tem registro. O ensino era dado a dois irmãos surdos de uma família nobre da Espanha, o que se percebe o caráter

desigual na educação de surdos, pois famílias pobres com pessoas surdas não tinham acesso a esse tipo de instrução e acabavam sendo excluídas da sociedade. Strobel (2009)

Imagem 1: Alfabeto manual de Juan Pablo Bonet



Fonte: <https://www.timetast.com>

Strobel (2009) nos mostra que na perspectiva do educador Bonet, o surdo poderia aprender de forma mais fácil e compreensível se houvesse uma adaptação para uma forma visual. A partir de então, a língua de sinais começa a desenvolver, embora o método oralista ainda fosse o mais adotado e defendido por inúmeros educadores à época.

Outro nome de grande importância que contribuiu de forma significativa para as línguas de sinais e também para a educação de surdos foi o de Michel de L'Épée, que fundou em 1760 a primeira escola pública para surdos o “Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris”, além de instruir vários professores para a educação de surdos (STROBEL, 2009). Em seus trabalhos, L'Épée defendia uma maneira ideal de instruir os surdos por meio de uma língua:

O abade Charles Michel de L'Épée publicou sobre o ensino dos surdos e mudos por meio de sinais metódicos: “A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos”, o abade colocou as regras sintáticas e também o alfabeto manual inventado pelo Pablo Bonnet e esta obra foi mais tarde completada com a teoria pelo abade Roch-Ambroise Sicard. (STROBEL,2009, p.22)

Os trabalhos de Michel de L'Épée para com a língua de sinais Francesa (LSF), foram reconhecidos pela sua relevância sendo difundidos pelo mundo todo, influenciaram educadores e institutos de educação a desempenharem papéis semelhantes quanto a utilização de uma língua de sinais na educação de surdos. A partir de seus trabalhos, houve uma disseminação de iniciativas em prol das línguas de sinais como método de ensino para pessoas surdas, como, por exemplo, Thomas Gallaudet que foi à Paris conhecer o trabalho de L'Épée no seu instituto, e lá conheceu Laurent Clerc, um professor surdo, que decidiu ir aos Estados Unidos junto com Gallaudet fundar uma escola para surdos, que iniciou com as suas atividades em 1817

(MARTINS, 2021). Mais tarde o filho de Gallaudet realizou o sonho de seu pai e fundou a primeira universidade para surdos do mundo, a Universidade Gallaudet em Washington (EUA).

No Brasil, a primeira escola para surdos foi o “Imperial instituto dos Surdos-Mudos”, construída em 26 de setembro de 1857, hoje a instituição recebe o nome de “Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES”. Escola foi construída a partir da vinda do professor surdo Ernest Huet que dedicou sua vida a ensinar a língua de sinais para as pessoas surdas. A partir da contribuição do professor Huet ao trazer para o Brasil a Língua de Sinais Francesa (LSF) foi que a Libras surgiu:

Foi nesta escola que surgiu, da mistura da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Dezembro do mesmo ano, o Eduardo Huet apresentou ao grupo de pessoas na presença do imperador D. Pedro II os resultados de seu trabalho causando boa impressão. (STROBEL, 2009, p. 24)

No INES era utilizado do método gestual. No entanto, a utilização de um método de ensino para a educação de surdos começou a ser discutida em várias partes do mundo, sobretudo com o avanço do método gestual das línguas de sinais. Nesse sentido, ocorreu o Congresso de Milão na Itália no ano de 1880, dentre as pautas importantes a que mais se discutiu entre os educadores foi a adoção do método oralista como sendo o mais “adequado” na educação de surdos. Percebe-se que historicamente, os surdos foram impedidos de se comunicarem em língua de sinais após o congresso de Milão adotar pela proibição da língua de sinais e por muitos anos essa barreira foi imposta:

Por quase um século, as línguas de sinais foram perseguidas nas mesmas instituições que supostamente deveriam propagá-las. Mas os códigos não chegaram a ser eliminados, mas simplesmente conduzidos ao mundo marginal, onde sobreviveram graças às contraculturas estabelecidas pelas crianças nas escolas, clandestinas, rebeldes e cruéis (STROBEL *Apud* RÉE, 2006, p. 249)

A proibição das línguas de sinais representou um grande retrocesso para educação de surdos. A decisão imposta por educadores ouvintes em nada tinha a ver com o aspecto educativo, mas se tratava de uma visão ouvintista que menosprezava a identidade surda, forçando os sujeitos surdos a falarem oralmente, uma tentativa de torná-los “normais”. Após esse momento obscuro na história da educação de surdos e das línguas de sinais, houve o despertar cultural a partir dos anos 60 em que as línguas de sinais se constituíram e se disseminaram no mundo e no Brasil após anos de opressão ouvinte (STROBEL, 2006).

As lutas dos movimentos surdos no Brasil ocorridos, sobretudo a partir da década de 1980, foram mobilizados pela busca de reconhecimento dos direitos linguísticos¹ em sociedade. A Libras não tinha o reconhecimento legal como língua meio de expressão e comunicação das comunidades surdas brasileiras. Após incessantes lutas por reivindicações de direitos linguísticos, somente no ano de 2002, por meio da Lei 10.436 de 24 de abril é que teve o seu devido reconhecimento, abrindo margem para pesquisas nas áreas de ensino de Libras começassem a surgir, assim também como propostas de ensino de línguas: segunda língua (L2), língua adicional (LA) e etc.

2.2 LÍNGUA E LINGUAGEM: POR UMA DENOMINAÇÃO POSSÍVEL

Para entendermos melhor os termos Língua e linguagem, é importante voltarmos na história, para entendermos que no início o ser humano teve a necessidade de se comunicar com os outros seres buscando assim uma forma de expressar suas emoções, seus pensamentos, suas vontades e etc. Desse modo é que a linguagem surge de forma natural, sendo algo inseparável do homem, ou seja, acompanhando desde o seu nascimento até a morte.

Há uma diferença entre língua e linguagem, de modo que se faz necessária uma discussão em busca de esclarecimentos acerca desses dois fenômenos, a considerar que a linguagem é compreendida como algo muito mais amplo e abrangente do que a língua, no entanto, são dois termos comumente confundidos pelas pessoas.

A linguagem segundo Chauí (2008) é um sistema de signos e sinais usados para indicar coisas. É utilizado para uma série de sistemas da comunicação humana, por exemplo, a de trânsito, de computação, cujos sistemas não são naturais, mas artificiais, pois foram inventados pelo homem para suprir uma necessidade. Podemos perceber como exemplo das múltiplas expressões da linguagem, a ordem de “parar” entendida pelas pessoas por meio da palavra “pare”, ou quando realizada por um agente de trânsito ao estender as palmas da mão para frente.

A autora (2008) também aponta para a definição de língua, afirmando ser uma convenção natural dos seres humanos, ou seja, é o resultado de condições históricas e que se constituíram a partir do contato social. Nos estudos sobre a língua Saussure *apud* Quadros & Karnopp (2007) afirmam que a língua é apenas uma parte da linguagem e que se desenvolve a partir do contato social:

¹Foi a partir dos anos de 1990 que o movimento surdo promoveu campanhas com o intuito de buscar pela lei que a língua de sinais houvesse reconhecimento legal no país.

Língua não se confunde com linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (p.24)

A língua é o meio pela qual utilizamos diariamente em busca de nos comunicarmos com pessoas falantes da mesma língua, nos ajuda na busca de informações importantes para nos direcionarmos. As autoras seguem com a discussão sobre a definição de língua ao dizerem que é “o conjunto de signos abstratos presentes na mente como resultado da história cultural e como consequência da prática social.” (SAUSSURE *apud* QUADROS & KARNOPP, 2007, p.15). A língua é um fenômeno natural e socialmente adquirido a depender de um contexto em que o indivíduo se encontra, tendo como objetivo a comunicação e a interação entre os seres humanos, como forma de externalização do pensamento.

Por meio da língua conhecemos a história, a cultura e o modo de ser das outras pessoas, bem como a possibilidade de nos relacionarmos diariamente na sociedade em que estamos, sendo assim, para Albres & Oliveira (2013) a língua na concepção de instrumento de interação vai admitir que “O indivíduo, ao fazer uso da língua, não exterioriza apenas o seu pensamento, nem transmite somente informações; mais do que isso, realiza ações, atua socialmente, objetivando atingir, com seu uso, resultados específicos na interpretação do outro.” (p. 40)

Ao nos debruçarmos sobre os estudos da língua e linguagem para esta pesquisa, questões pertinentes a respeito desses assuntos surgem: Como se dá o processo de aquisição da linguagem em crianças? A linguagem é um processo adquirido pelas interações sociais? O ser humano teria uma pré disposição a aprender uma língua? Para responder a essas questões recorreremos a obra de Quadros; Finger (2013) no qual traz em sua pesquisa os estudos sobre a aquisição da linguagem dentro da área da psicolinguística a partir da visão de autores que se debruçaram em seus estudos para compreender esse fato.

Na perspectiva dos Behavioristas, em especial Skinner, a partir de seus estudos observou que a aquisição da linguagem se dá por um processo de estímulos e respostas, ou seja, a criança desenvolve a sua fala a partir da influência externa do ambiente em que está inserida, de outra maneira podemos dizer que a criança desenvolve sua língua pelas experiências de contato com a língua em que as pessoas com quem ela convive utilizam, e dessa forma,

[...] o ambiente é o único responsável pelo provimento do conhecimento que ela por ventura virá a adquirir, através das leis de condicionamento. A partir da imitação de sons e padrões, da prática assistida com reforços negativos e positivos e da formação de hábitos, ela constituirá sua língua. (QUADROS; FINGER, 2013, p. 35)

Nessa concepção, a aquisição da linguagem é um processo que é influenciado por onde a criança está inserida ao imitar os sons ou padrões de comportamento que fazem parte desse ambiente, recebendo reforços positivos. Esse determinado comportamento de imitação será praticado e com o tempo se tornará um hábito de uso correto da língua Quadros; Finger (2013).

Na teoria da epistemologia genética de Jean Piaget, a aquisição da linguagem na criança se dá por meio de experiências com o mundo externo e a partir de interações com outros sujeitos, não necessariamente esse fator seja crucial para o desenvolvimento da linguagem, pois sua evolução se dá por um processo egocêntrico. As autoras afirmam que, “no início da aquisição da linguagem, as palavras da língua (signos) são usadas pela criança ainda como símbolos, ou seja, são usadas como significados particulares, só seu, por exemplo, “nenê” para designar seres humanos, “au-au” para designar qualquer animal.” (QUADROS; FINGER, 2013, p. 85). Dessa forma, a linguagem na criança vai sendo formada a partir dos estágios pela qual ela passa.

Na teoria interacionista de Lev Vygotsky em seus estudos para a compreensão das relações entre o pensamento e a linguagem e como se apresentam no desenvolvimento do ser humano, analisou na perspectiva interacionista, e ao partir dos estudos de Piaget, formulou a hipótese de que a criança desenvolve a linguagem a partir de relações sociais Quadros; Finger (2013).

A linguagem é a primeira forma de socialização da criança, e o papel do adulto nesse processo será de mediar o conhecimento da criança a partir de sua Zona de Desenvolvimento Potencial (ZDP) quando a criança não é capaz de realizar determinada atividade sozinha, sendo assim, o adulto ou os pais devem conduzi-la até que ela consiga alcançar a Zona de Desenvolvimento Real (ZDR) quando a criança já sabe realizar uma atividade. A linguagem nada mais é do que a externalização do pensamento, sendo dois processos que estão interligados, formando o pensamento verbalizado, “em certo ponto [...] do desenvolvimento da fala da criança, ocorre um cruzamento de ambas as linhas do desenvolvimento, o seu encontro. A fala se torna intelectual, o pensamento se torna verbal.” (VIGOTSKI, 2001, p. 144)

Na perspectiva gerativista do linguista Noam Chomsky, afirma que a criança já nasce com a disposição para adquirir uma língua, ao qual chamou de Gramática Universal (G.U), segundo ele, nós nascemos com um dispositivo inato para falar uma determinada língua. Essa Gramática Universal (G.U) não se refere à gramática dos conjuntos dos fonemas, morfemas, sintaxe etc., mas sim à entidade mental, ou seja, aos processos mentais que acontecem no desenvolvimento da linguagem Quadros; Finger (2013)

Para Chomsky, em contraposição ao Behaviorismo, afirma que o ambiente é fator importante para a aquisição da linguagem, mas não se torna fundamental para tal, para ele, o ambiente determina a direção que a criança toma em relação à língua que está sendo exposta Quadros; Finger (2013).

Portanto, o processo de aquisição da linguagem é debatido por estes teóricos que relacionaram a linguagem aos processos mentais, inatos, desenvolvidos pelo ambiente, e pela interação social contribuindo para que a linguagem se constitua na mente do sujeito.

2.3 A LÍNGUA ADICIONAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

Vimos que a língua é apenas uma parte de um sistema maior que é a linguagem e esta constitui um sistema linguístico que está presente desde que nascemos. Desse modo, ao longo da vida, podemos aprender outras línguas e assim ampliar o nosso modo de enxergar a cultura do falante daquela determinada língua. O ensinar e o aprender são inerentes em todo o processo na apropriação de uma língua.

Quando propomos ensinar uma língua para quem já tem no seu repertório linguístico pelo menos uma, estamos na verdade falando de uma proposta de língua adicional (LA). De acordo com estudos realizados por autores da área da linguística que se debruçam nos fenômenos das línguas naturais humanas, foi possível compreender que o termo língua adicional torna a proposta de ensino-aprendizagem de línguas mais democrática no sentido de colocar as línguas em uso em iguais condições de serem ensinadas e praticadas no ambiente em que o sujeito se encontra.

Essa proposta de ensino de línguas considera que o aprendiz já tenha uma língua desenvolvida na mente Lôpo-Ramos (2021), no caso das crianças ouvintes, a Língua Portuguesa, adquirida pelo contato social familiar desde o seu nascimento, o que chamamos de língua materna.

Tal proposta vem sendo adotada por pesquisadores da área da linguística e da linguística aplicada há algum tempo, pois se trata de um termo menos marcado ideologicamente, ou seja, não sobrepõe e nem se torna inferior a outra língua em um ambiente de imersão em que ocorra o processo de ensino-aprendizagem. A respeito desse termo, Lôpo-Ramos (2021) em seus estudos, faz uma defesa do termo língua adicional ao considerar que,

O conceito de língua adicional vem desempenhar essa nova função. Na medida em que se soma a uma língua à que já se tem, a LA é expressão menos

marcada ideologicamente, ela é mais neutra e mais abrangente [...] ‘as línguas adicionais não são inferiores, superiores, ou mesmo substitutivas da primeira língua’. (p.250)

Nessa perspectiva de ensino de língua segundo a autora, implica dizer que todos já possuímos uma língua e que qualquer outra língua que venha ser aprendida por acréscimo para qualquer que sejam os objetivos é considerada uma língua adicional. É evidente considerarmos que essa proposta não faz sobreposição à língua em que o sujeito já sabe, pois a língua a ser aprendida vai ser necessária como um instrumento de prática social no dia a dia ao desempenhar uma função comunicativa na língua alvo:

A adição de outra língua às línguas que o aluno já possui deve – idealmente – gerar uma convivência pacífica entre elas, sem atritos, pelo fato de que, em geral, atendem a objetivos diferentes. A língua adicional, por exemplo, poderá ser a língua do trabalho (receber hóspedes em um hotel, traduzir manuais, atender os clientes em um *call center*), do estudo (ler textos, preparar *abstracts*, pesquisar na internet) ou do lazer (cantar as músicas preferidas, jogar no *tablet*, ler um romance lançado no exterior). (LEFFA; IRALA, 2014, p. 34)

Dessa forma, aprender uma língua por acréscimo não é apenas desenvolver a competência linguística, mas principalmente a competência comunicativa, ou seja, na relação com o outro, fazer com que ocorra o processo para o entendimento de efeitos de sentido na língua em que está em uso. Na concepção de Gesser (2010) o ensino de uma língua na perspectiva da abordagem comunicativa significa “[...] promover o desenvolvimento da competência comunicativa (e linguística) sempre partindo da promoção de vivências do uso real e significativo da língua alvo a partir da construção de novos significados *na* e *através* da interação com o outro. (p.7) [grifos do autor].

A aprendizagem da Língua Adicional (LA) segundo Lôpo-Ramos (2021) não significa um mero acréscimo de uma língua ao repertório linguístico do aprendiz, implica também o respeito à língua, à cultura e à identidade do outro. A LA é uma proposta que tem o caráter inclusivo ao abranger todas as línguas em que se estão aprendendo, exceto a língua materna, vale ressaltar que o Brasil é um país multilíngue, pois “[...] em sua constituição 1988, é reconhecido como país multilíngue, por sua formação heterogênea de povos indígenas, africanos, de que resultou o português brasileiro, além das línguas autóctones (quilombolas) e daquelas advindas do continente europeu.” (LÔPO-RAMOS, 2021, p.234)

É importante destacarmos que o ensino de uma outra língua para o aluno que já possui uma determinada língua, deve ser pensada no contexto em que este está situado, sendo assim,

a língua adicional deve partir do estudo da língua ou das línguas que aluno já conhece Leffa & Irala (2014). Desse modo, ao aprendermos uma língua por acréscimo traz vantagens significativas para a nossa vida em sociedade, pois essa língua pode nos dar oportunidades de conhecimentos e perspectivas culturais de um povo.

Nessa perspectiva, uma das línguas presentes no Brasil que pode ser ensinada com a proposta de língua adicional é a Libras, considerando que,

[...] aprender Libras como língua adicional significa ter experiências de ensino-aprendizagem relevantes e contextualizadas para todos os participantes, pois é possível enxergar no outro e com o outro modos de ir além e estar apto para construir situações enunciativas pertinentes ao seu contexto de vida. (SPARANO-TESSER, 2021, p.40)

Como forma de diminuir os preconceitos advindos pelo desconhecimento da Libras, é importante que o ensino dessa língua possa acontecer o mais breve possível e assim tentar mudar a mentalidade das pessoas em nossa sociedade.

2.4 A INCLUSÃO DA LIBRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE DIZEM AS PESQUISAS?

Os incansáveis movimentos da comunidade surda na reivindicação de direitos às políticas linguísticas e pelo reconhecimento jurídico da Libras em âmbito nacional, tiveram papel preponderante da comunidade surda nessa questão, sendo essencial para que a Libras fosse reconhecida como língua a partir da promulgação da lei federal 10.436 de 24 de abril de 2002. Em seu Art. 1º: “é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.” (BRASIL, 2002, p.1). Ainda no Art. 1º, parágrafo único, define-se “Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visuoespacial, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.” (BRASIL, 2002, p.1).

O decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005 regulamenta a lei federal em questão e dá outras prioridades como obrigatoriedade da disciplina de Libras em cursos de formação de professores no ensino superior. A partir do reconhecimento e divulgação da Libras, abriram-se inúmeras possibilidades de ensino dessa língua de modalidade visual.

Embora as línguas tenham o mesmo objetivo e serem naturais do ser humano, suas estruturas linguísticas são distintas como acontece, por exemplo, nas línguas de sinais que têm seu canal comunicativo o visuoespacial,

A língua de sinais tem todas as características de qualquer língua humana natural. É necessário que nós, indivíduos de uma cultura de nível oral, entendamos que o canal comunicativo diferente (visual-gestual) que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais. (GESSER, 2009, p.21)

Acreditar que a língua de sinais não tem características de língua natural, é uma compreensão equivocada. Apesar de ser uma língua com estrutura gramatical diferente da língua oral, não tira o seu caráter de língua natural, pois as línguas de sinais apresentam as mesmas propriedades das línguas orais-auditivas, e são utilizadas pela comunidade surda de um país. Desse modo, é ideal que as pessoas ouvintes compreendam e mais do que isso, respeitem a língua de sinais, bem como os sujeitos que dela utilizam para se comunicar, por isso, buscamos por meio da proposta do ensino de Libras na perspectiva de língua adicional, fazer com que essa compreensão se concretize na prática.

A possibilidade de incluir Libras no ensino fundamental, visa contribuir com a difusão e fortalecimento dessa língua que permite a comunicação entre surdos e ouvintes. Assim, no Ensino Fundamental para que se construa uma base sólida dentro do contexto educacional, especialmente nas turmas de 2º e 3º ano, onde as crianças estão envolvidas no processo de letramento mais avançado por já terem percorrido o processo da alfabetização seria mais propício incluir uma nova língua que contemple também o processo inclusivo dentro da escola do campo.

Para tanto, é imprescindível desenvolver o ensino da Libras para as crianças, considerando a proposta bilíngue de acordo com Monte & Santos (2004, p. 22) “é importante perceber que o aprendizado de outra língua possibilita o fortalecimento das estruturas linguísticas, favorece o desenvolvimento cognitivo e alarga os horizontes mentais, ampliando o pensamento criativo, além de permitir um acesso maior à comunicação”. Segundo Sparano-Tesser (2021), a Libras pode desempenhar uma importante contribuição ao aluno:

Do ponto de vista pedagógico, no ensino de Libras como língua adicional, o aprendiz pode perceber o seu repertório sendo ampliado desde o começo e, assim, resolver e/ou decidir o que, desses novos repertórios e diferentes modos de significar para enunciar em Libras, importa para a sua vida, no seu contexto enunciativo-discursivo (p.42)

Além do mais, o ensino de Libras como língua adicional deve favorecer os sujeitos a conhecerem uma outra língua para que haja um desenvolvimento no processo de comunicação em situações sociais de interação.

Partindo desse olhar, consideramos que o ensino de Libras atrelada a outra disciplina da grade curricular poderiam estabelecer uma maneira diferenciada dentro do processo de ensino e aprendizagem. Os alunos participantes da pesquisa podem adquirir uma língua adicional à língua em que eles já sabem e assim poderem ser bilíngues de certa forma, especialmente nas escolas do campo onde há carência de materiais didáticos e profissionais capacitados a ensinar Libras, dessa forma a proposta oportunizou o ensino da Libras como língua adicional.

O ensino da Libras para as pessoas ouvintes, sobretudo às crianças no contexto escolar, torna-se uma proposta fundamental que contribui para que a comunicação com os sujeitos surdos no espaço escolar e na sociedade seja possível, mas não somente isso, pois também é uma forma de fazer com que os sujeitos tenham a compreensão necessária do papel deles para que não aconteça preconceitos com relação a identidade surda. Desse modo, acreditamos que é na base da educação é que podemos construir uma sociedade mais inclusiva e menos preconceituosa para com as pessoas surdas:

[...] proporcionar o ensino de Libras como língua adicional para crianças ouvintes desde os primeiros anos de escolarização poderia ser um caminho importante para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária [...] quanto antes as pessoas ouvintes tivessem contato com a Libras e com as pessoas surdas, mais rápido a sociedade majoritária poderia se familiarizar com uma perspectiva sociocultural sobre a experiências de vida comunidade surda [...] (SOUSA 2021, p.16)

A proposta de ensinar a Libras como língua adicional para aos alunos da escola visa despertar nas crianças a consciência da importância do aprendizado de Libras e das questões que envolvem a luta dos sujeitos surdos por respeito e direito entre os ouvintes, por isso que se torna fundamental a iniciativa de incluir a Libras no contexto educacional.

O ensino de Libras como língua adicional para crianças ouvintes é uma alternativa, principalmente no ambiente escolar, pois a criança, a exemplo dos adultos, possui a capacidade de aprender língua de sinais como uma língua adicional mesmo depois de adquirirem a sua língua materna, o português.

Conforme o exposto, a proposta de ensino de língua de sinais, torna-se uma possibilidade a ser ensinada para as crianças no ensino fundamental para que a partir do seu aprendizado da Libras, possam construir uma sociedade ainda mais inclusiva e que saibam respeitar a diversidade de sujeitos entre nós.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 A NATUREZA DA PESQUISA

A metodologia é de extrema importância para que o pesquisador desenvolva uma pesquisa sólida e consistente, pois para Mattos (2020, p. 190) “A metodologia da pesquisa é uma parte essencial para o pesquisador. Exige cuidado e atenção, pois serão definidos o contexto, os sujeitos, os instrumentos, como será a análise e discussões dos dados.” Nessa perspectiva, a metodologia busca detalhar os caminhos a serem percorridos pelo pesquisador e o seu objeto de estudos.

O tema “O ensino de Libras como língua adicional para crianças” parte da pesquisa de natureza qualitativa, pois segundo Prodanov & Freitas (2013, p. 70) afirmam que a pesquisa qualitativa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que pode não ser traduzido em números”. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador mantém um contato direto com os sujeitos da pesquisa e o seu ambiente, sendo assim, o objeto de estudo são as pessoas, isto é, os alunos da escola. Desse modo, não utilizaremos de métodos e técnicas estatísticas, pois foram feitas oficinas pedagógicas de modo a proporcionar conhecimento para os educandos por meio do ensino de Libras. A pesquisa foi desenvolvida na escola municipal “Santa Terezinha do Aninga” no município de Parintins - AM, em uma sala que atende as turmas de 2º e 3º ano do ensino fundamental.

3.2 MÉTODO DE ABORDAGEM

O Método de abordagem para a realização da pesquisa foi o dialético, considerando que este método abrange de forma dinâmica e totalizante a realidade pesquisada, desse modo, os fatos sociais não podem ser isolados de interferências políticas, econômicas, culturais e etc., Gil (2008). Nesse tipo de método, o pesquisador leva em consideração que tudo se relaciona, muda e se transforma na natureza, sendo necessária uma ação/reflexão diante do contexto em que os sujeitos estão inseridos, além do mais, a dialética busca por meio da contraposição de ideias um processo que surge uma Tese (ideia), que gera uma antítese (contraposição à tese) surgindo assim a síntese (superação das ideias anteriores), e este processo é constante, e não estático. Dessa forma, há uma construção de conhecimento verdadeiro, já que não há uma verdade absoluta que não possa ser questionada.

3.3 MÉTODO DE PROCEDIMENTO

Para esta pesquisa utilizamos como procedimento de técnica a participativa, sendo que a partir da realização das aulas, foi possível incluir de maneira significativa o ensino de Libras como língua adicional no contexto educacional das crianças ouvintes. As aulas foram realizadas a partir da exposição dos conteúdos relacionados à Libras: alfabeto manual, contexto histórico da língua de sinais, sinais das cores, além de ensinar alguns sinais do contexto dos estudantes cumprimentos sociais, verbos, sinais de assuntos que os sujeitos estavam estudando e etc.

3.4 TÉCNICA DA PESQUISA

A finalidade da presente pesquisa é do tipo exploratória, pois este tipo de pesquisa oportuniza uma visão ampla de um determinado fato, e leva a uma aproximação com os sujeitos dela, no caso desta pesquisa, os alunos da escola do campo. Na perspectiva de Gil (2008):

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo sobre acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionáveis. (p. 27)

A pesquisa buscou analisar a contribuição das aulas de Libras na concepção de língua adicional no contexto da escola do campo, difundindo assim os conhecimentos da língua de sinais em um contexto em que pouca ou quase nenhuma iniciativa é feita para que tal língua seja abordada na educação do campo, que contribua ainda mais para a vida dos alunos.

Outra técnica de pesquisa a ser utilizada como procedimento metodológico é a observação participante, com a qual a partir das atividades propostas para os alunos, estivemos atentos as vivências e interesses dos participantes no momento em que as aulas estavam acontecendo, e dessa forma, perceber quais eram as dificuldades enfrentadas pelas crianças em contato com a Libras. A observação participante fará com que o pesquisador e o pesquisado se relacionem no percurso da pesquisa GIL (2008). Considerando ser importante esta relação na pesquisa, buscamos compreender as situações que aconteciam em sala de aula, fazendo as observações de como os alunos percebiam os sinais à medida em que os conteúdos eram postos em prática. Adotamos uma postura estratégica e planejada de modo a proporcionar um bom ensino-aprendizado, evitando qualquer abordagem rígida para com os sujeitos da pesquisa.

Durante a observação participante, nossas atenções se voltavam aos movimentos dos alunos na sala de aula durante a realização das atividades de Libras, assim também como as

falas, gestos e perguntas que emergiam. A partir das aulas em sala de aula, os alunos puderam adquirir de forma básica, a Libras como uma língua adicional e para que assim poderem fazer uso dela em práticas sociais. Após a finalização das aulas também utilizamos como instrumento de coleta de dados uma autoavaliação para saber o nível de satisfação das aulas pelas crianças participantes da pesquisa.

3.5 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos participantes da pesquisa no início, foram 18 alunos da turma de 2º e 3º ano do ensino fundamental, no entanto, ao longo da pesquisa mais alunos entraram na turma chegando a um total de 22 alunos. A escola Santa Terezinha do Aninga é uma escola que tem turmas agregadas, isto é, em uma sala há duas séries em que o professor atende ao mesmo tempo, trabalhando com conteúdos diferenciados. Para Silva (2017, p.49) as “escolas agregadas são escolas pequenas, que funcionam em dois turnos, com duas ou três séries concomitantemente. Foram criadas pela SEMED/PIN enquanto estratégia para atender a um maior número de discentes, de forma que estes não ficassem sem estudar.”

3.6 LÓCUS DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada na escola municipal Santa Terezinha do Aninga, sito à estrada do Aninga S/N. A escolha da escola se deu a partir de uma pesquisa de dissertação de mestrado sobre as crianças ribeirinhas em espaços não formais na comunidade Santa Terezinha do Aninga, feita pela pesquisadora Gyane Karol Leal em 2019, além do mais, o desejo de contribuir com o ensino-aprendizado da Libras em uma escola do campo foram os motivos que me fizeram pesquisar nesse local.

O desenvolvimento do ensino de Libras como língua adicional nesse contexto foi uma proposta cuja necessidade é importante, tendo em vista que no contexto das escolas do campo em Parintins – AM há uma carência de elaboração de conteúdos que abordem o ensino de Libras para os alunos ouvintes.

3.6.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL SANTA TEREZINHA DO ANINGA

As escolas da região amazônica têm uma grande importância para os moradores, pois algumas delas estão ligadas a história de fundação da comunidade e sendo o espaço onde as relações sociais se estabelecem com os moradores que ali residem. Embora a escola Santa

Terezinha do Aninga esteja localizada em uma área em que é possível chegar por meio terrestre, ou seja, pela estrada, ainda assim está situada em uma comunidade.

A referida instituição de ensino atende a alunos da etapa da educação infantil e fundamental anos iniciais (1º ao 5º ano). Uma escola com uma grande importância para a comunidade, pois é por meio dela que as crianças que ali residem têm a oportunidade de se constituírem social e intelectualmente a partir dos conhecimentos adquiridos.

Imagem 2: Escola Santa Terezinha do Aninga



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2023.

A escola municipal Santa Terezinha do Aninga está localizada sito à estrada do Aninga S/N. Foi instituída pelo decreto Lei nº 029.02.2003 PG PM, tem como entidade mantenedora a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), sendo criada para atender às necessidades educacionais das crianças residentes da comunidade. Segundo Leal (2019) a construção da escola foi possível pelos esforços do casal Emílio Souza e Taciana Paixão que foram os fundadores da comunidade, e juntamente com o Deputado Federal Rafael Faraco e o Gerente da antiga fabril Juta, Mário Demazi, realizaram o pedido dos dois comunitários e construíram uma escola que contava com duas salas de aula.

Em 2000 na gestão do ex-prefeito Éneas Gonçalves, o referido educandário passou por nova construção em toda a sua estrutura, construindo mais dependências como: secretaria, depósito, dois corredores, um banheiro masculino e um banheiro feminino, duas salas de aula com capacidade para trinta alunos e a ampliação do auditório.

Atualmente a escola tem seu quadro de funcionários composto por 3 professores 1 monitora de Atendimento Educacional Especializado (AEE), 1 manipuladora de alimento, 1 serviços gerais, 3 vigias e à frente da escola como Coordenadora está a professora Sandra Brea Simas Ribeiro.

A forma de administração da escola é baseada na gestão participativa formada pelo corpo docente e pela gestora da referida escola que atuam na organização das ações educativas. De forma bastante harmônica a administração da escola é feita com a colaboração dos pais e/ou responsáveis que fazem participações em eventos comemorativos.

A escola está situada próxima ao lago do Aninga que nos presenteia com uma riqueza natural ímpar, sendo um lugar onde a paisagem natural se destaca por sua beleza, um cenário único que nos faz contemplar. É neste lugar onde os alunos têm uma relação afetiva com o ambiente que circunda a escola e entram contato com a natureza propiciando um espaço formativo que contribui para a formação dos sujeitos dessa comunidade.

A escola é o local onde as práticas de ensino-aprendizagem ocorrem de maneira formal por meio das relações interpessoais entre aluno-professor, aluno-aluno e etc., desse modo, a escola tem sua função social de formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres perante à sociedade. Nesse sentido, a perspectiva da escola é incluir todos nesse processo, levando em consideração as diferenças e as singularidades dos sujeitos no desenvolvimento de suas aprendizagens.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 A ESCOLA DO CAMPO: FONTE DE SABERES E INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A escola como a provedora da educação formal por meio dos conteúdos propostos pelo sistema educacional, tem a função social de formar cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Além do mais, a escola é a instituição disseminadora de cultura, saberes e conhecimentos, desse modo, nas escolas do campo a educação deve estar pautada na transformação social do educando nesse contexto.

As escolas do campo precisam ser entendidas como instituições de ensino que tem uma grande importância social na formação de cidadãos para a sociedade, no entanto, a educação do campo carrega estigmas pela sociedade como sendo marginalizadas na construção de políticas públicas para o desenvolvimento dos sujeitos do campo.

A escola do Campo é historicamente esquecida, jamais recebeu a devida atenção do poder público com políticas públicas que possibilitasse o seu protagonismo, nem formação crítica de seus sujeitos. Mas que possui um grande potencial de produção de conhecimentos a ser explorado, a qual os sujeitos camponeses carregam consigo uma gama de saberes, cheios de significados, que os identificam pelas suas histórias vividas e pela luta cotidiana que busca o reconhecimento de seus valores sociais, políticos, econômicos e culturais.

4.2 ENSINANDO LIBRAS PARA OS ALUNOS NA ESCOLA DO CAMPO: INICIANDO O PROCESSO

O pesquisar com as crianças denota uma atitude de escuta, cuidado e atenção durante esse processo, pois é preciso respeitar as singularidades e o ritmo de aprendizagem de cada um. Desse modo, o ensino de uma língua precisa estar pautado nesses aspectos, considerando que o processo de aquisição da língua denota um tempo de maturação das estruturas mentais do sujeito. Dessa forma, foi imprescindível que adotássemos uma postura de modo a evitar qualquer atitude autoritária no processo de ensino da Língua brasileira de sinais (Libras), considerando que o ensino de qualquer língua não pode ser feito dessa maneira:

O ensino de línguas não deve acontecer em um mundo abstrato, meramente teórico e construído por autoridades, seja no sentido autoritário, com base no poder, seja no sentido autorizado, como base no saber, mas deve estar situado em um determinado contexto, com base na realidade, garantindo ao professor a opção de agir dentro daquilo que é plausível em seu contexto (LEFFA, 2012, p. 399)

As aulas de Libras iniciavam sempre após o retorno dos alunos do intervalo. Na apresentação da aula, fizemos alguns questionamentos para os alunos com relação ao conhecimento deles sobre a Libras ou se tinham um contato com uma pessoa surda, obtivemos uma surpresa ao receber as respostas de que muitos já tinham ouvido sobre algo relacionado a Libras, uns já até sabiam algumas letras do alfabeto datilológico.

Na aula foi abordado de início, o significado de Libras, bem como apresentamos sobre a lei 10.436/2002, que oficializa a Libras como língua oficial do Brasil. Além do mais, explicamos também a diferença entre a Libras e a língua portuguesa (modalidades). No slide, foi apresentado aos alunos um quadro contendo o certo e o errado de palavras e expressões relacionadas à Libras como, exemplo, o termo correto de se referir a uma pessoa surda. Dessa forma, por meio da apresentação desses termos que comumente são confundidos pelas pessoas ouvintes, foi uma forma de conscientizar os alunos com relação ao tratamento que se deve dar a uma pessoa surda. Além de apresentarmos sobre o tema das variações de sinais presentes na Libras assim como acontece na língua portuguesa. Também foi apresentado de forma resumida a história das línguas de sinais, bem como o surgimento da Libras.

Imagem 3: Ensinando sobre os aspectos históricos da Libras



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2023.

Antes de iniciar o alfabeto em Libras, pedimos primeiramente para que eles falassem o alfabeto em português, depois ensinamos o em Libras, mostrando letra por letra para que o aprendizado se fixasse melhor e para que cada aluno pudesse fazer o sinal da letra, também mostrei alguns sinais com configuração de mãos de acordo com as letras, por isso a importância do aprendizado do alfabeto manual nesse primeiro contato com a Libras. Havia alunos que tinham dificuldades para fazer os sinais com a configuração de mãos corretamente, e por isso tínhamos que corrigi-los.

No momento em que estávamos ensinando o alfabeto, os alunos cometiam equívocos com relação as letras F e T por serem muito parecidas, e também as letras H, K e P. Mas em geral todos os alunos fizeram os sinais das letras, as dificuldades são inerentes durante esse processo de aprendizagem de uma língua de sinais.

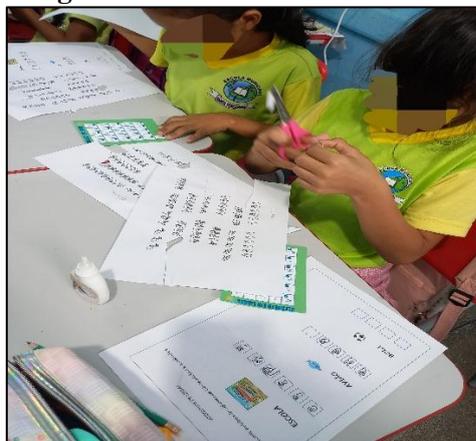
Em um determinado momento da apresentação por slide, fizemos uma dinâmica do descubra a letra, as letras que foram apresentadas eram: P, D e F. Analisamos que uma grande quantidade de alunos se confundiu no reconhecimento correto da letra P. A Libras é uma língua de caráter visual-espacial, por isso é necessário estar atento a configuração de mãos para a compreensão do sinal.

O aprendizado dos cumprimentos sociais é fundamental para o processo de comunicação em Libras, pois ao encontrarem uma pessoa surda em um determinado lugar, a pessoa que adquiriu a Libras pode estabelecer uma comunicação ao fazer os sinais para ela, e assim contribuir com uma sociedade inclusiva e igualitária.

Durante esse momento alguns alunos perguntavam sobre outros sinais em que tinham curiosidade em saber. Os alunos foram participativos durante a aula, sempre mostrando se o sinal da letra estava realmente correto.

No final da aula, como forma de observar a compreensão dos alunos, foi realizada uma atividade de recorte e colagem de letras do alfabeto. Nessa atividade, foi dado aos alunos duas folhas: uma contendo as letras do alfabeto e outra folha contendo palavras com quadrinhos que deveriam ser preenchidos com as letras de acordo com a palavra. Destacamos que essa atividade foi importante, pois além de aprenderem a decodificarem as letras do alfabeto em Libras, também desenvolvia a coordenação motora fina ao fazerem o recorte utilizando a tesoura.

Imagem 4: Alunos fazendo a atividade de recorte e colagem



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2023.

Foi possível perceber com essa atividade que alguns alunos foram rápidos em concluí-la, no entanto, cometiam equívocos com as letras, e por isso era preciso intervir para corrigi-los de maneira a apresentar a letra correta que deveria ser colada no quadrinho.

4.3 TRABALHANDO AS TEMÁTICAS DE MATERIAS ESCOLARES E AS CORES EM LIBRAS NA SALA DE AULA

No decorrer das atividades de sala de aula, retomamos os estudos com a temática apresentada sobre os sinais de materiais escolares e as cores em Libras. A escolha dessa temática foi pensada no contexto dos alunos, sendo que os matérias escolares fazem parte da rotina dos educandos no ambiente escolar. Dessa forma Leffa & Irala (2014) destaca que o ensino de uma língua adicional precisa partir da língua materna do sujeito.

No início da aula, abordamos sobre a variação linguística do sinal de “bom dia”, que apresenta quatro variações de sinais, dessa forma mostrei o sinal que é usado pela comunidade surda de Parintins.

Imagem 5: Sinal de “Bom Dia” utilizado pela comunidade surda em Parintins – AM.



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2023.

Após esse momento, apresentamos primeiramente os sinais dos materiais escolares, considerando que são coisas que fazem parte do contexto dos alunos, e que dessa forma a temática se tornaria mais interessante. A medida em que ensinávamos os sinais, os alunos faziam perguntas sobre outros sinais na qual tinham curiosidade em saber como eram feitos. Logo após, apresentei os sinais das cores em Libras, foi um momento em que os alunos ficaram eufóricos quando souberam sobre a temática em questão, alguns chegavam em mim e falavam de objetos de determinada cor que eles tinham e quais eram as suas cores favoritas.

Imagem 6: Ensinando os sinais dos materiais escolares



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2023.

Os alunos foram participativos, realizando os sinais, uns tiveram dificuldades na configuração de mãos, mas com ajuda, eles conseguiram fazer corretamente. No final da aula sobre as cores, foi elaborado uma atividade em que continha imagens do menino com os sinais de algumas das cores em Libras, o objetivo era que os alunos pintassem o menino de acordo com o sinal correspondente, e em seguida escrever no quadro ao lado o nome de cada cor, assim, a proposta visava fazer com que os alunos reconhecessem os sinais das cores, bem como exercitar a escrita das palavras corretamente, visto que os alunos ainda estão passando pelo processo de alfabetização.

Imagem 7: Aluno realizando a atividade



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2023.

Por fim, o professor da sala realizou uma dinâmica com bolinhas coloridas. As bolas foram posicionadas em um espaço marcado no chão da sala. Nessa dinâmica, os alunos tinham que fazer a troca das bolas de posição, escrever no chão da sala o nome da cor falada pelo professor e em seguida mostrar o sinal em Libras; o aluno quem fizesse primeiro vencia a brincadeira.

Imagem 8: alunos participando da dinâmica

Fonte: Arquivo do pesquisador, 2023.

Imagem 9: alunos fazendo a escrita da cor

Fonte: Arquivo do pesquisador, 2023.

Com essa atividade, percebemos que os alunos apresentaram resultados satisfatórios quanto ao aprendizado dos sinais das cores em Libras. Os alunos ficaram entusiasmados ao desenvolverem as atividades, pois as dinâmicas são instrumentos que favorecem a interação e o desenvolvimento da sociabilidade, sendo uma importante ferramenta de estímulo para um melhor aproveitamento do conteúdo.

4.4 CONHECENDO OS SINAIS DOS ANIMAIS E DAS FRUTAS EM LIBRAS

Para esta aula organizamos a aula sobre a temática dos sinais dos animais e também das frutas. Além do mais, para esta aula convidamos uma pessoa surda para que os alunos pudessem ter um contato com ela e assim praticassem a comunicação com ela. No início da aula, a acadêmica surda fez a sua apresentação para os alunos conhecerem um resumo da sua história de vida, depois fizemos uma espécie de revisão do alfabeto manual com a ajuda da acadêmica surda. Essa revisão foi para saber se os alunos não tinham esquecido o alfabeto, pois havia se passado um período de tempo em que as aulas de Libras foram interrompidas.

Imagem 10: Professora Surda fazendo os sinais

Fonte: Arquivo do pesquisador, 2023.

O contato dos alunos com a professora surda foi um momento importante para que elas conhecessem a história de vida e sua forma de sinalização. Certamente que o contato dos alunos com a professora surda despertou curiosidade e atenção dos estudantes, pois para alguns, ver uma pessoa surda sinalizando foi um momento único. A respeito da participação da professora surda na aula de Libras, torna-se um momento importante para a aprendizagem dos aprendizes ouvintes:

A coparticipação de professor/instrutor surdo e ouvinte no espaço dos cursos ou disciplina de Libras pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem dos aprendizes ouvintes, pois as trocas culturais e discussões sobre os dois contextos, surdos e ouvintes, permitem expandir as percepções de mundo dos aprendizes durante as aulas. (SPARANO-TESSER, 2021, p. 134)

Foi perceptível que ao realizar essa prática, os alunos fizeram corretamente as letras do alfabeto em Libras apresentando poucas dificuldades, apenas na realização dos sinais das letras “F” e “T”, que são normalmente confundidas nesse processo de aprendizagem da língua considerando que são feitas com configurações de mãos que apresentam semelhanças e se diferem apenas na orientação do dedo polegar.

Na apresentação dos sinais dos animais, os alunos demonstraram bastante interesse em aprender sobre essa temática. Na apresentação dos sinais, as curiosidades com relação a outros sinais de animais surgiam, e desse modo, fomos mostrando os sinais em que eles queriam saber.

Apresentei para os alunos sobre os sinais de algumas das frutas que são mais conhecidas: laranja, maçã, goiaba, caju, banana, morango, coco, abacaxi e etc, durante a exposição dos sinais das frutas, os alunos iam nos dizendo as suas preferencias com relação as frutas.

No momento em que eu estava ensinando pude observar que os alunos aprenderam rápido os sinais e apresentando poucas dificuldades. Para que elas pudessem praticar o seu conhecimento, elaboramos uma atividade com cartas com as imagens das frutas em seus respectivos sinais em Libras, as frutas utilizadas eram as seguintes: laranja, maçã, goiaba, caju, banana e morango.

Imagem 11: Dinâmica das cartas com sinais das frutas



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2023.

Tendo em vista a atividade em grupo favorece a compreensão do conteúdo, organizamos em dupla e 3 duplas participaram por vez para que ambas pudessem se ajudar e dessa forma encontrar os sinais das frutas. Dessa forma, propomos uma atividade lúdica considerando ser importante a contribuição dessa atividade para o aprendizado, sendo assim,

As atividades lúdicas são instrumentos pedagógicos altamente importantes, mais do que apenas divertimento, são um auxílio indispensável para o processo de ensino aprendizagem, que propicia a obtenção de informações em perspectivas e dimensões que perpassam o desenvolvimento do educando (MALUF, 2008, p.42)

Ao final da aula, elaboramos uma atividade de recorte e colagem das frutas e seus sinais em Libras. A atividade além de contribuir para o aprendizado da língua de sinais, contribui também para o desenvolvimento da coordenação motora fina, pois ao cortar o papel para colar no quadradinho, a criança desenvolve sua coordenação motora, importante para o processo de desenvolvimento da escrita.

Imagem 12: Alunos fazendo a atividade



Fonte: Arquivo do pesquisador, 2023.

Notamos com essa atividade que os alunos assimilaram os sinais das frutas, colando os sinais nos quadrinhos correspondentes à imagem das frutas. Os alunos se interagiram no momento da atividade; alguns perguntavam do colega sobre determinado sinal. Sendo assim, com essa atividade, os alunos ao interagirem com seus colegas compartilhavam conhecimentos com relação à Libras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa investigou o contexto do ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua adicional para crianças ouvintes em uma escola regular, a escola Santa Terezinha do Aninga no município de Parintins – AM, na qual a Libras foi ensinada para uma turma agregada do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental. O objetivo geral desta pesquisa foi o de analisar a contribuição das aulas de Libras como língua adicional em uma escola do campo em Parintins – AM. Para investigar esse processo, nos ancoramos na perspectiva do método dialético, realizando as observações participantes em sala de aula.

Ensinar e aprender são dois processos distintos, complexos e que estão interligados por dois personagens imprescindíveis nesse processo: o professor e o aluno, sendo a escola o espaço onde esse processo vai se perpetuar e se desenvolver. A proposta do ensino de Libras como língua adicional demonstrou que a Libras não se tornou uma língua inferior, nem tão pouco superior a (s) língua (s) em que os sujeitos já possuem na mente, mas se colocou como uma língua de igual prestígio por desempenhar uma função imprescindível na vida humana: a comunicação.

A contribuição das aulas de Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua adicional, despertaram nos alunos novas formas de enxergar o mundo a partir da compreensão das temáticas apresentadas. Por meio de nossas observações, podemos perceber que os alunos

participaram ativamente nas aulas que foram ministradas na escola, interagindo e buscando compreender mais os aspectos históricos e sociais que a língua apresenta. Certamente, as observações e análises não esgotam as possibilidades de respostas para esta temática, mas trazem a certeza de que os objetivos foram alcançados, dessa forma, contribuindo com a disseminação e o fortalecimento da Libras no contexto educacional.

Portanto, a proposta de ensino de Libras para crianças ouvintes precisa ser uma pauta presente em todas as escolas para que assim poderemos construir uma sociedade mais igualitária e inclusiva para as pessoas surdas, com acessibilidade em sua língua. Desse modo, esta pesquisa proporcionou aos alunos uma nova forma de enxergar o mundo a partir da compreensão dos aspectos sócio-histórico da Libras, bem como a identidade da pessoa surda, os seus modos de ser, se comunicar e se expressar por meio de sua língua, constituindo assim seu lugar no mundo.

5 REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino; NEVES, Sylvia Lia Grespan (Orgs). **Libras em Estudo: política linguística**. São Paulo: FENEIS, 2013.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm acesso em 14/07/2021 às 9h45min

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o Art. 18 da Lei nº 10.098, de dezembro de 2000. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm acesso em 14/07/2021 às 10h.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a filosofia**. 13ed. São Paulo: Ática, 2008.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo, Parábola Editorial, 2009.

GESSER, Audrei. **Metodologia de ensino em LIBRAS como L2**. Material didático desenvolvido para o curso de Letras-Libras em EaD. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Ed.6. São Paulo: Atlas, 2008.

LEAL, Gyane Karol Santana. **A criança ribeirinha e a sua relação com a ciência nos espaços não formais de Parintins-AM**. Parintins: Gráfica e Editora João XXIII, 2019.

LEFFA, Vilson; IRALA, Vanessa. **O ensino de outra (s) língua (s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas**. In Leffa, Vilson; Irala, Vanessa (Orgs). Uma espiadinha na sala de aula. Ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: EDUCAT, 2014.

LEFFA, V. J. **Ensino de línguas: passado, presente e futuro**. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 20, n. 2, p. 389-411, 2012.

LÔPO-RAMOS, Ana Adelina. **Língua Adicional: um conceito “guarda-chuva”**. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. Volume 13 – 233-267 DOI:10.26512/rbla.v13i01.37207, 2021.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Atividades lúdicas para Educação Infantil: conceitos, orientações e práticas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. **Conversando sobre metodologia da pesquisa científica**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

MARTINS, Keylliane de Sousa. **O ensino de Libras como língua adicional em uma abordagem metacognitiva com o uso de objetos digitais de aprendizagem**. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES. Lajeado, RS, 2021.

MONTE, Roseneide Furtado do; SANTOS, Idê Borges dos. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades da comunicação e sinalização: Surdez.** 2^a.ed. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

PRODANOV, Cléber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2^a.ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

QUADROS, Ronice Müller de; FINGER, Ingrid. **Teorias de aquisição da linguagem.** 2.ed.rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

SILVA, Simone Souza. **Políticas de Formação Inicial de Professores do Campo em Parintins: contextos e contradições.** 2017. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

SOUZA, Danielle Vanessa Costa. **O ensino de Libras para crianças ouvintes: uma pesquisa etnográfica centrada na interação em sala de aula.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

STROBEL, Karin Lilian. **A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas.** ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.245-254, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592. Disponível em <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-101741> acesso em 15/07/2021 às 14h10min.

STROBEL, Karin Lilian. **História da Educação de Surdos.** Licenciatura em Letras-Libras na modalidade à distância. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

SPARANO-TESSER, Carla Regina. **O ensino de Libras como língua adicional: atividades sociais e os multiletramentos em propostas didáticas.** 151 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2021.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem.** Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

O alfabeto manual de Juan Pablo Bonet. Disponível em: <https://www.timetast.com/timelines/historia-da-educacao-especial-e-inclusiva-d30aab95-9886-46ff-bd2d-8130252e5902> acesso em 20/05/2023